

ENSINO DE GEOGRAFIA, PROFESSORES E A RELAÇÃO ESCOLA/TV¹

TEACHING GEOGRAPHY, TEACHERS AND
SCHOLL/TV RELATION

*Iara Vieira Guimarães*²

RESUMO: O trabalho analisa como a televisão está presente no ensino de Geografia tomando como referência a leitura de um grupo de professores que atua no ensino fundamental. Procura-se desvendar como esses professores vêem a TV no contexto atual e de que forma esse veículo está presente em suas vidas e em seu trabalho. A análise focaliza assim, o professor, sua prática, interpretações, suas posturas e dilemas. A pesquisa realizada demonstrou que os professores de Geografia entendem que as imagens cumprem uma função importante como distribuidoras de informações impossíveis de serem conhecidas diretamente e que o estudo de lugares e realidades distantes pode ser bastante enriquecido através da utilização desse meio de comunicação de massa. Para os docentes, se a Geografia se limitar a apresentar às crianças e jovens apenas o mundo dos livros, desprezando outras fontes de informação, os limites se constituirão não somente com relação à motivação dos alunos, mas também com relação a sua aprendizagem, a sua possibilidade de conhecer e entender o mundo. A partir dessa constatação, abordamos a forma como a televisão está sendo inserida no trabalho pedagógico do professor de Geografia, utilizando a

¹ Este artigo foi extraído da dissertação de mestrado: *Televisão e ensino de Geografia: sujeitos, imagens e práticas*, defendida pela autora no programa de Pós-Graduação do Departamento de Geografia da USP/SP, em 1998.

² Professora da Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia. Mestre em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo.

sua própria leitura sobre a questão, o que propiciou o esclarecimento de como fica o ensino de Geografia diante da multiplicidade das informações e imagens veiculadas pela cultura de massa.

Palavras-chave: Ensino de Geografia – Tv – Professor – Educação – Cultura de massa

ABSTRACT: The work analyzes as television it is present in the teaching of Geography taking as reference the reading of a group of teachers that they act in the fundamental teaching. It tries to unmask as those teachers they see the TV in the current context and that forms that vehicle it is present in its lives and in its work. The analysis focalise like this, the teacher, its practice, interpretations, its postures and dilemmas. The accomplished research demonstrated that the teachers of Geography understand that the images execute an important function as dealers of impossible information of they be known directly and that the study of places and distant realities can be quite enriched through the use of that middle of mass communication. For the educational ones, if the Geography limits to present to the children and young just the world of the “ books, despising other sources of information, the you are limited they will constitute not only with relationship the students’ motivation, but also with relationship its learning, its possibility to know and to understand the world. Starting from that verification, we approached the form as television it is being inserted in the teacher’s of Geography pedagogic work, using its own reading on the subject, what propitiated the elucidation of as it is the teaching of Geography before the multiplicity of the information and images transmitted by the mass culture.

Key words: teaching geography, tv, teacher, education, mass culture.

“Uma pedagogia crítica da representação reconhece que habitamos uma cultura fotocêntrica, auditiva e televisual na qual a proliferação de imagens e sons eletronicamente produzidos serve como uma forma de catecismos da mídia, uma pedagogia perpétua, através da qual os indivíduos ritualmente codificam e avaliam os envolvimento que fazem nos vários contextos discursivos da vida cotidiana [...]”.

Henry A. Giroux

O objetivo deste artigo inscreve-se no campo do ensino de Geografia. Propomo-nos registrar e analisar como a televisão está sendo incorporada no processo didático e pedagógico que envolve a Geografia

escolar. Para isso elegemos como centro de nossa análise o professor, suas tensões, discursos e posicionamentos frente ao tema, tendo em vista que ele se constitui como um dos mais importantes sujeitos do processo educativo e sua vivência/experiência tem sido profundamente influenciada pela mídia.

Acreditamos que descobrir e entender o que o professor nos fala sobre a televisão poderá propiciar-nos o esclarecimento de uma questão mais ampla que merece um esforço analítico por parte dos profissionais envolvidos com a Geografia ensinada na escola: como fica o ensino de Geografia diante da multiplicidade das informações e imagens veiculadas pela cultura de massa?

A televisão exerce, atualmente, uma grande influência em nossas vidas. Esse meio recria e difunde aquilo que certamente se constituirá nos fatos, acontecimentos, sonhos e desejos mais importantes no âmbito social. Apresenta um grande poder socializador, conseguindo aglutinar o debate dos temas de maior destaque, além de ser a principal forma de lazer e entretenimento para a maior parcela da população. Hoje, a legitimidade dos assuntos está ligada àqueles que passam na mídia.

Segundo MORAN, “os meios de comunicação desempenham também um importante papel educativo, transformando-se, na prática, em uma segunda escola, paralela à convencional. Os meios são processos eficientes de educação informal, porque ensinam de forma atraente e voluntária – ninguém é obrigado, ao contrário da escola, a observar, julgar e agir tanto individual como coletivamente.”³ Se analisarmos de forma específica a televisão, observaremos que esse meio apresenta um potencial educativo significativo, em razão de o seu consumo se dar no âmbito familiar, ser de fácil acesso, além de estar na preferência de gosto das pessoas de um modo geral.

A escola, em escalas diferenciadas, vem assimilando a televisão como recurso metodológico alternativo, promovendo a análise sobre esse

³ MORAN, Manuel José. Os meios de comunicação na escola. In: TRUFFI, Y. H.; FRANCO, L. A. C. *Multimeios aplicados à educação: uma leitura crítica*. p. 8.

veículo de comunicação de massa ou simplesmente utilizando seus programas no processo de ensino dos conteúdos. Isso ocorre porque frequentemente se cobra da escola a tarefa de propiciar aos alunos esclarecimentos que os ajudem a ser mais críticos com relação às possibilidades e limites desse meio e, ainda, de ser mais lúdica e contemporânea.

O ensino da Geografia, pelas próprias características da disciplina, mantém aproximações com a TV, em virtude da necessidade de informações e imagens sobre os diferentes “lugares” que estuda. Neste artigo demonstramos qual tem sido a postura dos professores de Geografia frente a esse meio, no que se refere à possibilidade pedagógica que ele oferece no trabalho com os conteúdos de Geografia. De modo específico, identificamos a importância e o papel que o professor lhe atribui no ensino da disciplina, ou seja, por que e como o utiliza. Não nos furtamos, entretanto, à análise de como o professor compreende os impactos e a ação da indústria cultural, especificamente da televisão, na sociedade contemporânea, sobretudo quando colocamos em questão as aproximações e distanciamentos que a escola mantém com esse meio de comunicação de massa.

Os dados e interpretações que exporemos neste texto não foram reunidos a partir de uma observação direta em sala de aula. Buscamos apreender, através da realização das entrevistas, as especificidades da visão do docente sobre o tema, sua linguagem, sua gramática, suas próprias marcas e impressões. Acreditamos que se as mesmas questões fossem colocadas para os professores de Matemática ou Química, por exemplo, os resultados possivelmente seriam diferentes.

Nosso procedimento, tanto na fase de realização das entrevistas como no tratamento e análise dos dados levantados, foi marcado por um profundo respeito aos professores. Compreendemos, no decorrer da realização da pesquisa, cujos resultados expomos aqui, que analisar o ensino de Geografia colocando em foco o docente e seu ofício se torna cada vez mais premente para a discussão dos rumos dessa disciplina escolar. Procuramos assim realçar os elementos internos da prática

docente e não tomar a TV e analisá-la, descolada da prática e da visão do professor. Ninguém melhor que esse profissional para mostrar como os recursos metodológicos estão sendo incorporados na escola. Afinal é a partir dele que se organiza e se concretiza o processo de transposição didática dos conteúdos.

Tendo em vista as questões levantadas acima e baseando-nos nas entrevistas realizadas, selecionamos alguns pontos para nortear a nossa análise. Exporemos adiante como as escolas estão estruturadas em relação à existência do veículo televisivo, como o professor entende a relação entre a escola e a TV e, ainda, como este meio está presente em sua prática de ensino. Esta última questão pode ser desdobrada nas seguintes interrogações: Há uma total ausência de uma cultura audível no ensino de Geografia? A utilização do meio televisivo é secundária para o professor? Como têm ocorrido as tentativas de incorporar esse meio de comunicação e informação no cotidiano do ensino de Geografia?

Para tentar apreender a vivência pedagógica do docente com relação à televisão, indagamos sobre a existência e quantidade de aparelhos de TV e vídeo para serem utilizados por professores e alunos nos estabelecimentos de ensino nos quais os professores trabalhavam. Apenas 5% das escolas abrangidas por nossa pesquisa⁴ não possuem os referidos equipamentos, embora todas elas já os tivessem possuído, mas, por motivo de roubo ou defeito, estes não se encontram à disposição para as atividades escolares. A maior parte das escolas (42%) possuem 2 aparelhos de TV e vídeo, sendo que o número máximo de aparelhos foi encontrado em duas escolas centrais, as quais possuem quatro aparelhos cada uma. Podemos verificar que as escolas estão minimamente equipadas com esses recursos audiovisuais, entretanto um número considerável de professores nos afirmou ser insuficiente a quantidade de aparelhos de TV e vídeo existentes em suas escolas.

⁴ A pesquisa foi realizada no município de Uberlândia-MG, com professores que atuam no ensino fundamental (5ª a 8ª séries) da rede estadual.

Essa consideração dos professores é bastante real. Encontramos, por exemplo, escolas que trabalham com mais de 1000 (mil) alunos e que possuem apenas 2 aparelhos de vídeo e TV. Muitos docentes nos relataram que já vivenciaram a situação de não conseguir reservar a TV e o vídeo a tempo para realizar uma projeção para seus alunos e que quase sempre a espera pela oportunidade de utilização é bastante longa. Podemos verificar, portanto, que a infra-estrutura de um número significativo de escolas não facilita o trabalho do professor e pode constituir-se concretamente em um impedimento à utilização das linguagens audiovisuais no processo pedagógico.

Essa situação se torna mais evidente quando se observa a existência ou não de salas próprias para a utilização da TV e do vídeo. Entre as escolas abrangidas pela pesquisa, 30% não possuem salas para projeção de vídeo. Isso significa que, quando os professores decidem explorar um material audiovisual com seus alunos, é necessário que os aparelhos de TV e vídeo sejam transportados até a sala de aula, que se faça a conexão entre os aparelhos para só então projetar o material audiovisual para os estudantes. Não podemos esquecer que essa maratona ocorre dentro de um tempo cronometrado, os 50 minutos da hora/aula do professor.

Encontramos ainda, em 27% das escolas, a improvisação de salas de projeção. As bibliotecas são preferencialmente os lugares escolhidos para se colocar os aparelhos de TV e vídeo. Assim, esse ambiente passa a ter função dupla, é ao mesmo tempo lugar para leitura e pesquisa dos estudantes e para o uso da TV e do vídeo. Esse fato certamente restringirá o uso do espaço para as duas atividades, trazendo prejuízo para os alunos e maior dificuldade de acesso por parte dos professores.

As dificuldades não se restringem às relatadas acima. Um outro fator destacado pelos professores em seus depoimentos foi a dificuldade de obter a fitas de vídeo para gravar os programas de interesse da disciplina. As escolas não oferecem aos professores esse material de consumo, o que, associado às dificuldades da própria gravação dos programas, somam grande impedimento à sua utilização na prática docente. O

depoimento abaixo nos mostra como a situação está sendo considerada pelos docentes:

[...] o que está acontecendo nas escolas é o seguinte: o governo mandou para a escola uma parabólica, um vídeo e uma TV. É só isso que ele chama de kit. Para a minha escola, por exemplo, que tem mais de 900 alunos, não existe sala ambiente, não tem dinheiro para comprar as fitas e não tem funcionário para operar e organizar o equipamento e o material gravado. Não é raro a gente saber que o vídeo está estragado e a TV queimou. As condições para o funcionamento e aproveitamento desse material não são boas [...] (Entrevista n. 10).

Apesar dos problemas ligados às condições de trabalho dos professores, dadas pelos limites do espaço físico e de materiais da escola, a TV não está ausente das atividades e do espaço pedagógico, seja de forma direta, seja indireta. Observamos que os professores apresentam capacidade para driblar as dificuldades e carências, para trabalhar com a escassez, recriando formas e alternativas possíveis para as atividades pedagógicas e isso resulta em sucessos e também insucessos. As relações dentro do espaço escolar são dinâmicas e complexas, mantêm um curso direcionado por descobertas de opções criativas e, às vezes, pelo contrário, por recuos e insatisfações. Não são definitivas e passíveis de serem explicadas por um ou outro dado de caráter generalizante. É preciso infiltrar-se no interior desse espaço, conhecer as suas múltiplas faces usando metodologias diversas. Nossa opção foi a de desvendar algumas questões utilizando a fala dos professores.

Quando interrogamos o professor sobre os recursos metodológicos mais utilizados em seu trabalho com o ensino da Geografia em sala de aula, obtivemos como resultado o seguinte quadro: o recurso utilizado com maior frequência pelo professorado é o livro-didático, ao qual eles se referem como livro texto; como segunda opção aparecem os jornais e revistas; como terceira opção aparecem os programas, filmes, documentários etc. já veiculados pela TV e, como quarta e última opção elencada pelos professores, aparecem os filmes e documentários ainda não veiculados pela TV. Nas entrevistas podemos perceber que há entre os docentes uma preocupação na busca constante de alternativas para

tornar o ensino da disciplina mais interessante, vivo e dinâmico, despertando o interesse dos alunos pelo conteúdo e assim tornando as aulas e a relação professor-aluno mais prazerosas. Na tentativa de diversificação das estratégias didáticas, os recursos metodológicos que apresentam maior destaque são a imprensa escrita e o vídeo. Percebemos aqui que, apesar de todos os limites colocados pela escola, o vídeo representa a terceira alternativa metodológica mais utilizada por parte dos professores de Geografia.

A utilização de jornais e revistas nas aulas de Geografia é bastante comum por parte dos professores entrevistados. Isso ocorre porque, além de esse tipo de material ser valorizado pelos docentes, tanto o acesso a ele como a maneira de trabalhar com ele em sala de aula são bem mais simples do que em relação a TV e vídeo. Para trabalhar com jornais e revistas os professores não precisam enfrentar as dificuldades de gravar o programa ou consegui-lo em locadoras de vídeo, em outras instituições ou ainda com terceiros. Além disso não precisam passar pela desgastante tarefa de reservar a sala de projeção ou, como em muitas escolas, levar o equipamento para a sala de aula. Apesar disso o professor afirma que o vídeo é um recurso mais interessante para os alunos que a imprensa escrita e que quase sempre obtém melhores resultados quando o utiliza, pois, como os alunos gostam, eles se envolvem mais nas atividades.

Antes de adentrarmos as questões sobre quais programas televisivos são utilizados e como o são, procuramos apreender como o professor de Geografia entende a relação entre a escola e a TV. Para nós foi particularmente interessante contrapor os resultados obtidos por nossa pesquisa com o que a bibliografia apresenta sobre o assunto. A maior parte dos textos que tratam da relação escola/TV apontam para o fato de que a escola se encontra fechada para a TV por motivos diversos que vão desde a supervalorização da escrita e o menosprezo a outras formas de linguagens, até a aversão pelo meio televisivo por considerá-lo deseducativo. Alguns autores chegam a apontar uma certa concorrência e competição entre a escola e a TV, assim como a

existência de duas escolas paralelas. Vejamos, então, de forma mais específica, o que a bibliografia e os dados nos apontam.

Penteado, em seu livro *Televisão e escola: conflito ou cooperação*, nos afirma que a TV se apresenta, de forma extremamente vantajosa, como um desafio e ao mesmo tempo uma concorrência para a escola. Nesse ambiente de competição estabelecida, a TV é habitualmente acusada de:

roubar das crianças e adolescentes muitas horas de estudos, bem como de outros afazeres saudáveis, como de brincadeiras, jogos e esportes; – expor os jovens telespectadores a uma linguagem oral padronizada, cheia de chavões, empobrecida; – apresentar, através de um recurso da imagem, reduzida em sua potencialidade reveladora (pela linguagem oral, tal como é utilizada), uma dada versão do fato, que passa como se fora o próprio fato ; [...] – desestímulo à aquisição de informação por outros meios que exijam maior esforço, como a leitura de textos escritos, por exemplo; – desinteresse pelas aulas, uma vez que não se apresentam tão sedutoras e atraentes.⁵

Ao questionarmos os professores sobre se é válido comparar a função da escola e da TV na sociedade, obtivemos, da maioria deles, resposta afirmativa, tendo eles justificado que as duas instâncias veiculam informação e conhecimentos, mas o fazem de forma diferente, assim como possuem objetivos diversificados. Entretanto os entrevistados não se dão conta da concorrência anunciada pela autora, exposta acima. Os professores delimitam de forma simples as diferenciações entre a escola e a TV, apontando majoritariamente o fato de que não é possível promover conhecimento somente através do lazer e do entretenimento. A aprendizagem, para a maior parte dos docentes, pressupõe o pensar, o esforço, o estudo para a superação de etapas, tarefa bem mais ampla e complexa do que ficar estaticamente parado diante de um aparelho assistindo a uma sucessão de imagens rápidas e de fácil compreensão. A competição entre a escola e a TV anunciada por muitos autores não está presente no universo do professor de Geografia.

⁵ PENTEADO, Heloisa Dupas. *Televisão e escola: conflito e cooperação*. p. 114.

Constatação semelhante podemos tirar no que se refere à idéia usualmente veiculada de que teríamos uma televisão forte e uma escola fraca. Os professores, conforme já expusemos no capítulo anterior, reconhecem o poder da TV na formação da opinião pública, assim como sua influência nas atitudes e na vida das pessoas. Entretanto o professor vê como sendo significativa a experiência escolar para a conformação dos entendimentos, idéias e comportamentos dos alunos, além se ser ela uma das mais importantes alternativas de promoção social para a grande parcela da população, o que lhe confere importância e significado social. A escola, para os professores de Geografia, apesar de todas as suas debilidades, não é fraca diante do fascínio e do poder da TV.

No questionário aplicado aos professores colocamos a seguinte questão: a televisão atrapalha/dificulta a ação educativa da escola? Para a maior parte dos docentes (47%) a televisão não atrapalha a escola em suas ações educativas, 18% responderam que sim e 35% dos professores responderam que em alguns casos, sendo que os mais citados foram os fatos de esse veículo ocupar muito tempo do aluno, empobrecer sua linguagem e exceder-se na veiculação de cenas de violência. Nas entrevistas verificamos a mesma tendência, a maior parte dos professores considerando que a TV pode influenciar na educação dos alunos pela escola, mas que isso não significa necessariamente uma dificuldade, já que aquela pode também facilitar o trabalho pedagógico, conforme nos aponta o depoimento abaixo:

A televisão está na vida das pessoas, mas a escola também está. O aluno faz associações, ele cruza o que vê na TV e o que aprende na escola, e para mim isso é muito bom. Então eu não acho que a televisão só atrapalha a escola, acho que ela complementa, interfere, às vezes até enriquece. Penso que o professor deve discutir o papel da televisão na sociedade, para que os alunos sejam mais criteriosos para escolher a programação a que vão assistir, esse trabalho de conscientização a gente tem que fazer (Entrevista n. 14).

Percebemos através dos depoimentos que os professores de Geografia, em sua maioria, não apresentam visões radicais e contrárias às

aproximações entre a TV e a escola. Pelo contrário, se mostraram flexíveis e abertos ao uso da TV como recurso metodológico alternativo. Entretanto é preciso assinalar que em raros depoimentos verificamos o enaltecimento exacerbado do veículo. O mesmo ocorreu em uma situação extremamente oposta, em poucos casos verificamos um certo receio com relação à presença da TV na escola, conforme podemos observar abaixo:

Eu acho que a posição do professor frente à TV deve ser mais moderada, porque aí a sua função pode ser muito descaracterizada. Hoje na escola pública o aluno está sempre em primeiro plano. Antigamente você tinha o professor lá em cima e por último o aluno. Hoje inverteu, o aluno tá lá em cima e o professor lá em baixo. Eu acho que teria que ter uma equiparação nessa relação. Por isso eu acho que a televisão deve ser usada moderadamente para não descaracterizar muito a profissão, mais do que ela já está. Hoje no estado a gente está vendo aí que nas propostas do governo a função do professor vai ser de animador. Não vai ser mais professor. O que a gente ouve é isso! Ele só tiraria as dúvidas do aluno, existiria os programas de televisão que demonstrariam o conteúdo e teria o animador só para tirar as dúvidas. Sinceramente eu não duvido que o governo mais cedo ou mais tarde queira implementar isso, eu não duvido mais de nada (Entrevista n. 6).

Nesse caso podemos perceber que o professor associa a presença da TV na escola com a falta de autonomia em seu processo de trabalho. As questões não são colocadas diretamente sobre a TV, mas ao uso que se pode fazer dela no sentido de desfavorecer e descaracterizar o trabalho docente. Esse depoimento está profundamente relacionado à situação vivenciada pelos professores da rede estadual de ensino em Minas Gerais atualmente, ao desconforto gerado pelas mudanças constantes lançadas a nível governamental, à perda latente do poder do professorado em organizar, gerir e avaliar o trabalho pedagógico realizado em sala de aula e, ainda, às mudanças na relação professor/aluno que são nitidamente desfavoráveis aos professores, o que acentua neles o sentimento de insegurança e desesperança quanto ao seu futuro profissional. Portanto o professor em foco não está negando propriamente a televisão, mas todo o conjunto de situações que norteiam o seu fazer profissional, as suas condições de trabalho.

É inegável, entretanto, que o depoimento acima anuncia uma concorrência entre o professor e a TV e, ao mesmo tempo, um certo receio por parte dos entrevistados, de que esse veículo venha a ocupar o seu lugar no processo pedagógico. Apesar de esse processo ser motivado por questões ligadas a uma crítica de caráter geral sobre as transformações do seu ofício, ele acaba expressando um entendimento de que a escola deve fechar-se em torno da sua própria cultura e procedimentos e, ainda, não aceitar a introdução de novas linguagens metodológicas. Ficam comprometidas nesse processo as necessárias inter-relações entre a escola e a TV, o aproveitamento do potencial desse meio.

Resguardados os entendimentos de ordem pontual, evidenciou-se que a maioria dos depoimentos dos professores caminham no sentido de mostrar como possível a relação escola/TV, percebendo-as como instâncias que possuem semelhanças, mas também diferenças marcantes. Essa é uma visão que podemos qualificar como equilibrada, pois, como esclarece Rocco,

se é válido e pertinente compararmos TV e Escola, já que ambas têm alguns pontos de intersecção, uma vez que às duas cabe a função de informar e educar, é preciso, no entanto, resguardarmos essas instituições naquilo que lhes é inerente. TV e Escola configuram-se como realidades diferentes uma da outra, seja pela suas origens, seja pela suas naturezas. TV e Escola não são perfeitamente complementares e isomórficas, nem se mostram como totalmente antagônicas. Se cabe à escola, precipuamente, promover a educação formal, na qual está compreendida também a informação, toca à TV, fundamentalmente, propiciar lazer e divertimento ao público por meio da informação, por que não dizer, por meio de propostas educativas de caráter não-formal.⁶

Um número muito reduzido de professores abrangidos pela pesquisa revelou nunca ter utilizado programas televisivos em sala de aula. Entre os professores que responderam ao questionário, 9% declararam jamais ter feito uso da TV em sala de aula. Já entre os abrangidos pela entrevista

⁶ ROCCO, Maria T. Fraga. Que pode a escola diante do fascínio da TV. In: TRUFFI, Y. H.; FRANCO, L. A. C. *Multimeios aplicados à educação: uma leitura crítica*. p. 57.

essa situação não foi encontrada. Os programas mais usados pelos professores em sala de aula são, por ordem de importância e frequência: os filmes gravados pelos professores a partir de sua veiculação pela TV, o programa Globo Repórter produzido e transmitido pela Rede Globo de Televisão, o programa Globo Rural e o programa Globo Ecologia, ambos também transmitidos pela Rede Globo de Televisão. Um grande número de programas foram citados pelos professores, como, por exemplo: Brasil Legal e Fantástico (Rede Globo), SBT-Repórter (Sistema Brasileiro de Televisão).

O programa Globo Repórter, depois dos filmes, é a referência mais forte para o trabalho do professor de Geografia, no que se refere à televisão. Ele é certamente o programa produzido pela TV brasileira mais utilizado pelos professores, o que é justificado pela possibilidade de inter-relação entre muitos dos temas por ele abordados e o conteúdo curricular da Geografia. Associado a isso aparece o alto índice de audiência da emissora (Rede Globo) que garante destaque ao debate dos temas e ainda o fato de o programa ser veiculado semanalmente em horário fixo, o que confere ao professor maior facilidade para realizar a gravação.

Constatamos ainda que a utilização dos programas da TV por assinatura tem sido pequena em sala de aula. O mesmo ocorre com a TV Escola⁷. Sua influência até o momento tem sido insignificante no ensino da Geografia, pois apenas 3% dos docentes abrangidos pela pesquisa revelaram ter usado seus programas. Isso está relacionado às dificuldades das escolas para a realização da gravação, além da ausência do professor

⁷ TV Escola é um programa da Secretaria de Educação à Distância do MEC, que tem uma programação transmitida a todo o Brasil através do satélite Brasilsat, podendo ser captado pelas escolas através de antena parabólica. Os programas transmitidos necessitam ser gravados em fitas de vídeo-cassete para posterior utilização pelos professores. Os equipamentos para captação e gravação dos programas compõem o chamado Kit tecnológico, composto por antena parabólica, receptor de satélite, televisão, vídeo-cassete e fitas VHS, que foi adquirido pelas escolas com verba do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – FNDE.

na introdução e discussão dessa intervenção pedagógica e tecnológica por parte do governo. Apesar de a instalação do equipamento na escola ter-se concretizado, não houve investimento no professor e o decorrente compromisso deste com o projeto. Sem a sua participação efetiva, estabelecendo as conexões necessárias, o projeto não está funcionando bem no setor que pesquisamos.

Para tentarmos apreender que vantagens o professor de Geografia vê no uso da televisão, lançamos a ele a seguinte questão: A TV auxilia de alguma forma os conteúdos que desenvolve em sala de aula? A maioria absoluta dos professores respondeu que sim e elencou como ponto positivo para se realizar um trabalho com a TV o fato de que esse veículo desperta o interesse dos alunos pelo conteúdo. Portanto, para os docentes, sua maior virtude é a capacidade de motivação. Além dessa razão, uma outra foi citada de modo significativo: o fato de a TV possibilitar, através da imagem, o entendimento direto de espaços distantes e realidades impossíveis de os alunos conhecerem pessoalmente ou mesmo difíceis de serem apreendidas através de um texto. O depoimento abaixo é ilustrativo para nos mostrar como os professores, de diferentes formas, demonstraram essa visão:

Eu acho que a TV auxilia bastante a Geografia. Quando os alunos conseguem assistir qualquer coisa de novo que aparece, no outro dia pode ficar preparada que eles vão fazer perguntas. O visual para o aluno é muito importante, não só para o aluno, para nós também. É terrível para o aluno ter que ficar sempre imaginando como é a floresta, como é a China, como é a indústria.... Por isso a televisão pode ser uma forte aliada do professor de Geografia, até mesmo porque os alunos adoram ver TV, eles vibram quando a gente fala que vai passar um filme ou outro programa qualquer, aí a gente percebe que eles ficam realmente a fim de estudar Geografia, ela começa a fazer algum sentido na vida deles (Entrevista n. 13).

Notamos que, ao usar em sala de aula os produtos televisivos, os professores demonstraram-nos estar imbuídos de uma preocupação didática de tornar o ensino mais lúdico e agradável, o que certamente poderá resultar em melhorias no relacionamento, na disciplina e em

um aumento do interesse pelo conteúdo, por parte dos alunos. Assim como, pelo contrário, pode tornar os alunos mais dóceis para aceitar as imposições e os paradigmas da disciplina e conseqüentemente da escola, assimilando o conteúdo curricular de modo mais ameno e passivo. Nesse caso, a função do professor continua sendo a de transmitir conteúdo e a do aluno, de recebê-lo. Observamos que os dois sentidos da motivação anunciados acima se apresentam de forma associada para os professores pesquisados: o uso da TV ocorre tanto para conseguir maior controle disciplinar sobre os alunos, como também para tornar a aula mais prazerosa. M. Enguita nos mostra que a motivação proposta no interior da escola está quase sempre associada à necessidade do controle disciplinar, sendo que:

as crianças e jovens acodem a ela (a escola) carregados de motivação, mas a obsessão da escola é substituir as que eles trazem pelas que ela considera associadas a objetivos dignos de serem perseguidos. Motivá-los, na realidade, quer dizer convencê-los de que desejam por si próprios ir para onde o professor já decidiu que vão. E como os objetivos com frequência não são compatíveis, isto implica fazer tábua rasa de todos os que possam entrar em concorrência com a escola, o que em uma sábia política preventiva acaba por consistir em todos os que eles podem trazer por si mesmos.⁸

Sabemos que uma das principais críticas direcionadas à escola no mundo contemporâneo relaciona-se à sua incapacidade para despertar o interesse dos alunos mobilizando-os na busca do conhecimento, o que se deve ao fato de essa instituição ser pouco sedutora e lúdica, levando o aluno a trabalhar e aprender mais em função das regras e do dever de obediência do que por prazer. Nesse sentido, se coloca como fundamental para a escola descobrir, reinventar e estar aberta a linguagens metodológicas alternativas que encaminhem de modo mais inventivo a relação do aluno com o saber. A televisão se apresenta nesse processo como um recurso possível, tendo em vista o enorme potencial motivador que representa.

⁸ ENGUITA, Mariano. *A face oculta da escola*. p. 181.

Entretanto o uso da televisão pela escola possui um significado maior do que o relacionado à adoção de linguagens metodológicas alternativas, o qual não se apresentou de forma marcante nos depoimentos dos professores. Dado o significado da televisão no âmbito da sociedade é, também, importante que a escola realize uma intervenção no sentido de promover um constante exercício de reflexão sobre o fato de que a mensagem rápida da TV muitas vezes não revela o que está além do observável. Ou seja, é imprescindível que a escola promova uma reflexão sobre como a TV mostra a realidade, colocando em discussão os estereótipos e as informações veiculadas por esse meio. A nosso ver, pensar sobre as possibilidades da mídia, em especial da TV, requer por parte dos professores e alunos o exercício da reflexão, o cultivo da desconfiança. Afinal a escola não é passiva diante da TV, especialmente se todo esse processo ocorrer de modo a contrariar o conteúdo reprodutivista do ensino, sendo ele permeado pela análise, pela crítica. O uso da mídia pode então despertar consciências críticas. Concordamos com a afirmativa de que “em que pesem as limitações da escola e em que pesem os inúmeros tabus que enrodilham seus profissionais, confundindo-os e tornando-os instrumentos da confusão, que tudo homogeniza. É ela ainda e são eles ainda a agência e os agentes de um esclarecimento, de uma desbarbarização.”⁹

Os professores de Geografia nos demonstraram entender claramente que as imagens cumprem uma função importante como distribuidoras de informações impossíveis de serem conhecidas diretamente. Assim como o estudo de lugares e realidades distantes pode ser bastante enriquecido através da utilização deste meio de comunicação, e não somente através do livro didático. Para os docentes, se a Geografia se limitar a apresentar o mundo às crianças e jovens, desprezando outras fontes de informação, os limites se constituirão não somente com relação à motivação dos alunos, mas também com relação a sua aprendizagem, a sua possibilidade de conhecer e entender o mundo.

⁹ OLIVEIRA, N. R. de. A escola, esse mundo estranho. In: PUCCI, B. (Org.). *Teoria crítica e educação: a questão da formação cultural na escola de Frankfurt*. p. 138.

Entendemos, entretanto, que o professor de Geografia deveria preocupar-se também com o desvendamento e problematização dos processos comunicacionais que ocorrem no interior da sociedade contemporânea. A função da escola se distancia daquela dos meios de comunicação de massa porque sua função não se restringe a fornecer aos alunos informações sobre os lugares numa quantidade e velocidade frenéticas. À escola cabe um outro papel, o de dar tempo e continuidade à análise, o de possibilitar a reflexão tentando superar, ou pelo menos entender, o simulacro produzido pelas mídias.

Ao serem questionados sobre como os programas são utilizados em sala de aula, os professores demonstraram, em sua maioria, partir de e analisar com os alunos somente as informações e o conteúdo racional colocado pelos programas televisivos. Prevalece, portanto, a ênfase no racional, nas questões de ordem cognitiva do material, sendo a emoção, a fruição, o prazer do espetáculo televisivo desprezados pelo professor. Não se dedica atenção ao universo das fantasias e das afetividades geradas pelos recursos audiovisuais. Ao descrever suas práticas, os professores deixam emergir claramente suas intervenções no direcionamento do olhar do aluno para aquilo que elegem como importante para que eles vejam. Não exploram os desejos, os valores, as emoções e sensações provocadas pelos programas, e assim os alunos não têm a oportunidade de discutir e demonstrar como o programa visto mexeu com sua afetividade. Dessa forma, o professor de Geografia deixa de fazer uma associação fundamental entre prazer e conhecimento, o que poderia ser bastante rico na apreensão das linguagens audiovisuais.

M. Franco, em um primoroso texto sobre o prazer audiovisual e a educação, nos mostra que

quando nos sentamos diante das telinhas ou telonas para usufruir do universo onírico de sons e imagens criados à semelhança e à revelia da realidade, abrimos todos os nossos sentidos para que nenhum detalhe nos escape e nos furte ao prazer e à compreensão. Assim como cada sentido do cotidiano que nos fere os sentidos é apreendido, em primeira instância, sem a mediação do racional, também a linguagem audiovisual foi construída para nos embriagar de emoção. Uma vez cativos da história e

das suas peripécias narrativas e técnicas, podemos ou não passar para um estágio de análise racional e crítica desse estado emocional radical a que nos permitimos.¹⁰

Nesse sentido, quando usamos em sala de aula os recursos audiovisuais, devemos contribuir para esse avançar de estágio, pois a análise crítica é importante e necessária. Entretanto o enfoque não se deve dar unicamente em torno dela. O professor de Geografia demonstrou-nos reconhecer a importância da TV como motivadora para captar o interesse e a curiosidade do aluno. Apesar de reconhecer o princípio da diversão, o docente possui dificuldade na exploração didática do audiovisual, em entender e desenvolver o processo na perspectiva da união/integração entre o cognitivo e o afetivo. Falta, portanto, conciliar o “clima de viagem de aventuras entre os estados sensíveis estimulados pela linguagem audiovisual e o caminho da compreensão racional dos conteúdos comunicados esteticamente pelos artistas da mídia”.¹¹

Sabemos que os recursos audiovisuais combinam emoção e razão, sendo que o processo comunicativo inicia-se pelo emocional para, só em um estágio posterior, atingir a razão. Esse segundo estágio pode não acontecer, daí a importância do professor para promover e garantir que os alunos passem para a análise racional e crítica. Entretanto isso não deve significar o abandono do lado emocional e intuitivo dos programas. É importante dedicar atenção ao som, à música, aos efeitos, à palavra, ao cenário, e fundamentalmente, ao que esse conjunto de fatores provoca no aluno. Por isso, durante a projeção, é sempre aconselhável que o professor observe as reações dos seus alunos diante do audiovisual, identificando o que mais gostaram, quais cenas provocaram risos, quais provocaram tristeza, como eles manifestaram suas emoções durante a exibição. Dessa forma o docente terá mais condições para encaminhar o processo de discussão e análise da mídia, terá mais chances de estimular a atuação do aluno como receptor.

¹⁰ FRANCO, Marília. Prazer audiovisual. In: *Comunicação e Educação*. p. 51.

¹¹ Idem, p. 52.

Encontramos, em nossa pesquisa junto aos professores, diferentes formas de trabalhar os programas televisivos em sala de aula. Há professores que demonstram claramente que o vídeo “fala por si só”, e que por isso ele é utilizado mais para ilustrar um conteúdo visto. Como simples ilustração, o professor não realiza uma discussão sobre o material, ficando de lado tanto as possíveis leituras e entendimentos que os alunos construiriam sobre o material, como também as emoções sentidas durante a exibição.

Encontramos professores que usam de forma exagerada o vídeo e que o entendem como de suma importância para os alunos, pois aí se estaria ensinando a Geografia de uma forma diferente da convencional. O depoimento abaixo é ilustrativo para nos mostrar a questão:

Eu não passo filmes mais. Como eu te falei, a escola não aceita. Você não pode voltar duas vezes na sala de vídeo porque já falam que você não dá aula mais, só passa vídeo. Acho isso terrível, mas tenho que conviver porque senão perco o meu emprego. Acho que o professor de Geografia que não leva para os alunos recursos visuais não consegue fazer com que os alunos entendam o conteúdo, porque é impossível ficar só na base da abstração. Teve uma época que eu realmente estava usando muito vídeo, passei um bom tempo trabalhando os conteúdos a partir da TV. Na 6ª série foi ótimo, porque eu trabalhava com os vídeos da *Revista Caras*, estudamos as regiões do Brasil em cima deles e eu acho que os alunos aprenderam melhor do que se tivéssemos ficado presos no livro didático. Infelizmente a direção da escola não percebe que fazer esse tipo de trabalho é muito mais interessante para os alunos (Entrevista n. 5).

Através deste depoimento podemos observar que o professor tenta fazer uma mudança de recursos didáticos, trocar o livro didático pela televisão, argumentando que esse veículo é mais interessante para os alunos. Não considera, entretanto, que o uso exagerado do vídeo, além de causar uma depreciação e desvalorização desse recurso por parte dos alunos, não é suficiente para trabalhar um conteúdo, empobrecendo a Geografia e não lhe dando a profundidade necessária. O próprio exemplo dado pelo professor serve para comprovar que houve uma redução no conteúdo, ao trabalhar o espaço brasileiro usando como principal material

de referência os vídeos produzidos pela Revista Caras. Verificamos nesta situação que o vídeo chegou à sala de aula, mas não conseguiu transformar a relação pedagógica, aí a TV passa a exercer a função do livro didático, correndo o sério risco de rebaixar a um patamar inferior a qualidade do ensino da Geografia.

Encontramos ainda uma terceira situação entre os professores. Há docentes que não trabalham com vídeos de “baixa qualidade”, exigem que sejam bem produzidos e principalmente que veiculem as informações corretas sobre as questões relacionadas ao assunto. O depoimento a seguir nos mostra uma das maneiras pelas quais os entrevistados nos demonstraram tal visão:

Eu não trabalho com qualquer vídeo, não. Acho um absurdo alguns professores, principalmente de História e Geografia, que ficam dando filme o ano todo sem haver objetivo nenhum e, o que é pior, uns vídeos que são péssimos, não vão ajudar os alunos em nada, até pode prejudicar porque o material é ruim mesmo. Eu acho que a gente tem que ter cautela para escolher os vídeos, pensar bem no conteúdo que estamos trabalhando e se esse vídeo vai atender aos objetivos do assunto. Nós não podemos trazer tudo para a sala de aula, temos que ter critérios e só trabalhar com aqueles programas de televisão ou filme que realmente forem bons, que possam melhorar a visão do aluno sobre as coisas, porque programa ruim ele vê em casa, o tempo todo (Entrevista n. 2).

O professor demonstra ter uma preocupação com a qualidade dos programas a serem levados para a sala de aula, o que é muito pertinente, pois é necessário medir as vantagens e desvantagens de um programa a ser trabalhado com os alunos, entender se o filme é adequado para a turma, observar se o clima emocional apresenta sintonia com a faixa etária, além da linguagem e do conteúdo em si. Entretanto é importante considerarmos que educativa é a relação que o aluno estabelece com o recurso. Escolher o programa mais edificante, mais *adequado*, não significa necessariamente que estaremos garantido a experiência mais educativa aos alunos. O professor deve usar de forma didática a TV, o que não deve significar, entretanto, a adoção de um didatismo limitante ou no estabelecimento rígido do que pode ou não ser levado para a sala

de aula. Devemos pensar inclusive na utilização de programas considerados ruins ou pouco construtivos no intuito de analisá-los criticamente, descobrindo os seus problemas. Tal atitude pode ajudar os alunos a adotarem uma postura mais questionadora e reflexiva sobre a mídia, a pensarem sobre o fetiche da tecnologia.

M. J. Almeida possui uma visão singular sobre essa questão. Para o autor, as imagens e sons produzidos pelo cinema e pela televisão são pensados como uma produção cultural e não em função da didática ou da pedagogia e isso gera um certo conflito e pouca aceitação desse material por parte da escola. Nas palavras do autor, quando esses produtos são apresentados na escola,

a primeira pergunta que se faz é : adequado para que série, que disciplina, que idade etc.? Às vezes ouvimos dizer que um filme não pode ser passado na 6ª série, por exemplo, e no entanto ele é assistido em casa pelo aluno, juntamente com os pais. O mesmo acontece com diferentes objetos de conhecimento, novas teorias, novas tecnologias, descobertas históricas e científicas, assuntos políticos, que todos ficam sabendo através de diferentes meios de comunicação e que nunca entram na escola, porque ela está presa àquela pergunta sobre a adequação, à idéia de fases, ao currículo, ao programa. Parece que a escola está em uma constante desatualização que é sublinhada pela separação entre a cultura e a educação. A cultura localizada num saber fazer e a escola num saber usar, e nesse saber-usar restrito desqualifica-se o educador, que vai ser sempre um instrumentalista desatualizado.¹²

Dessa forma, o autor faz uma crítica radical à escolha e análise exageradamente criteriosa dos programas a serem trabalhados com os alunos. Concordamos parcialmente com a análise, pois sabemos que a escola deve ser diferente da TV, já que não cabe àquela instituição lançar sobre os alunos indiscriminadamente, produtos culturais e informações. O aprendizado ou a aquisição de saber se constrói por etapas, os alunos estão em estágios cognitivos diferenciados, por isso deve haver um respeito à faixa etária, ao perfil do aluno. Entretanto isso não pode

¹² ALMEIDA, Milton José. *Imagens e sons: a nova cultura oral*. p. 8.

significar que as crianças e jovens sejam considerados como seres incompletos, que necessitam de restrições quanto ao que deve ser visto e ensinado. Acreditamos apenas que a televisão deve ser trabalhada de forma didática pela escola, ou seja, o trabalho deve ser direcionado por objetivos pedagógicos, sem que isso represente uma rigidez na escolha dos programas.

Encontramos em nossa pesquisa uma quarta situação que merece destaque. Alguns professores nos demonstraram que organizam os vídeos para serem trabalhados em sala de aula de modo a inserir pelo menos um em cada unidade do programa a ser trabalhado com os alunos, o que é pensado já no início do ano e segue em todo o seu decorrer, à medida que se faz necessário. Esses professores demonstraram organizar e entregar para os alunos roteiros de atividades para discussão dos programas, filmes e documentários. Nesses roteiros aparecem, além de questões para direcionar o debate inicial sobre o material audiovisual, trabalhos posteriores que levam os alunos a registrarem os principais pontos do material, à produção de textos, cartazes, e várias outras atividades que lhes possibilitam relacionar o conteúdo que estão estudando em sala de aula com aquilo que o material mostra.

No caso desse grupo de professores, verificamos que o trabalho com os programas televisivos é valorizado e já se encontra em um nível de organização e desenvolvimento metodológico bastante avançado, ou seja, esses docentes já conseguem fazer uma relação significativa dos conteúdos da Geografia com os materiais audiovisuais, lançando mão de estratégias que levam o aluno a pensar o material de forma crítica e a estabelecer as relações necessárias com o conteúdo em foco. Foi-nos relatado inclusive que, ao analisar programas, documentários, filmes etc., é sempre sugerido aos alunos que estabeleçam aquilo que o vídeo apresenta de positivo e aquilo de que não gostaram; ao final, estes pontos são expostos oralmente pelos alunos à sala e discutidos por todos, podendo-se estabelecer um painel demonstrativo do que o material significou para os alunos e que mudanças eles introduziriam neles para melhorá-los.

Verificamos, ainda, através da nossa pesquisa, que a televisão tem uma forte presença indireta no trabalho do professor de Geografia. Isso pode ser constatado através das inúmeras situações descritas pelos professores sobre os fatos que os alunos levam para a sala de aula. De um modo geral os professores consideram que a TV auxilia os conteúdos da Geografia e que os alunos aprendem Geografia vendo TV, como podemos ver no depoimento abaixo, dado por uma professora que acredita no auxílio da televisão às suas aulas de Geografia, embora não recorra freqüentemente a ela:

[...] Por mais superficial ou conservador que sejam as coisas que a televisão mostra e que os alunos comentam em sala de aula, a gente tem que aproveitar. Eu acho que se a escola ficar alheia, a gente fica para traz, o que chama a atenção dos alunos a gente precisa trabalhar. Não acho que seja tão necessário, é só mais no sentido de levar o aluno a ver que a escola tem a ver com o que acontece lá fora, com o que passa na televisão. Por exemplo, quando ocorreu a morte dos Mamonas Assassinas, eu estava trabalhando com um texto que tinha um desenho de uma montanha, vários alunos escreveram perto desta montanha "Serra da Cantareira". Na outra aula eu então conversei com eles sobre o fato. Então, acho que o que chama a atenção deles a gente precisa discutir. Não faço isso com muita freqüência, mas acho que auxilia nesse ponto (Entrevista n. 1).

A influência indireta da TV nas aulas de Geografia ocorre de variadas formas, como, por exemplo, quando o aluno leva para a sala um fato que viu na TV, gerando uma discussão e solicitando do professor uma intervenção, seja no sentido de coordenar o debate, seja no sentido de expressar a sua opinião sobre o acontecimento ou situação. Nesse sentido ressalta-se o fato de que o professor, para fazer o conteúdo ser entendido, recorre freqüentemente à TV, lembrando aos alunos imagens e programas que ilustram a sua explicação. O professor não só faz referência ao que passa na TV, mas também aprende com ela, obtém informações sobre os lugares que a Geografia estuda. Portanto o trabalho com as imagens ocorre de forma indireta, o que pode demonstrar uma vertente importante sobre o que a escola tem feito daquilo que os alunos assistem. Nesse sentido uma interessante experiência foi-nos relatada:

Quando a Rede Globo transmitiu o filme *Sociedade dos Poetas Mortos*, aconteceu comigo uma experiência inesperada. No dia seguinte eu tinha o primeiro horário na turma, e assim que iniciei a aula uma aluna me perguntou se eu tinha visto o filme. Praticamente a turma toda tinha visto e estavam com muita vontade em falar sobre o filme. Eles ficaram muito impressionados com a história e principalmente com o fato de um dos garotos ter se matado porque não agüentou o conflito que um professor e sua família geraram dentro dele. Ficamos a aula toda conversando sobre o filme, os alunos fizeram muitas perguntas porque queriam saber coisas que eles não tinham entendido direito. Conversamos sobre os problemas que os jovens enfrentam e até sobre como deveria ser o professor, a escola, seus pais... (Entrevista n. 4).

Verificamos nesse depoimento que, mesmo a televisão não estando presente materialmente na sala de aula, ela serviu como ponto de partida para a realização de um debate sobre um conteúdo que, apenas aparentemente, não está ligado à Geografia. O que a TV veicula está profundamente relacionado com o ensino, com o universo do jovem e os conflitos sobre o seu porvir que, como no filme, estão no entorno da escola, da família, da atuação de um professor que transforma o modo de ver o mundo, com seus próprios medos e desafios internos. Não foi por acaso que o referido filme se mostrou perturbador para os alunos, assim como não foi por acaso que eles escolheram a professora de Geografia para demonstrarem sua perplexidade, seu desconforto com relação ao desfecho da história a que assistiram. Certamente, nas duas situações, houve identificação.

Para nós ficou claro que a televisão está chegando na sala de aula e constituindo mais uma mediação, assim como os livros didáticos, para apresentar o mundo aos alunos. Entretanto, a TV, enquanto uma mediação discursiva, não deve substituir o convívio com a concretude da realidade. O professor de Geografia não deve se abster de olhar, observar e analisar com seus alunos os *lugares* concretos, não pode perder a afinidade com o seu entorno, com a vida latente que anima a realidade. Se consideramos a possibilidade do ensino de Geografia em *alfabetizar* o aluno na *leitura* do espaço em suas diversas configurações, é preciso que aceitemos os

diferentes conhecimentos e instrumentos que a vida contemporânea nos impõe, como por exemplo a TV, e, mais que isso, é preciso que não esqueçamos os velhos ensinamentos, que resgatemos a prática de olhar intimamente para a nossa realidade.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. *Educação e emancipação*. São Paulo: Paz e Terra, 1995.
- ALMEIDA, Milton José. *Imagens e sons: a nova cultura oral*. São Paulo: Cortez, 1994.
- ARENT, Hannah. Crise na educação / crise na cultura: sua importância social e política. In: *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 1988. p. 221-281.
- BAUDRILLARD, Jean. *Tela total: mito-ironias da era do virtual e da imagem*. Porto Alegre: Sulina, 1997.
- CANCLINI, Nestor. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: UERJ, 1995.
- CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. Campinas: Papyrus, 1995.
- DAYRELL, Juarez (org.). *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1996.
- ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- ENGUITA, Mariano. *A face oculta da escola*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- FRANCO, Marília. Prazer audiovisual. *Comunicação e Educação*. São Paulo: Moderna, ano 1, n. 2, p. 49-52, 1995.
- FISCHER, Rosa M. Bueno. *Adolescência em discurso – mídia e produção de subjetividade*. Porto Alegre, 1996. (Tese de Doutorado/UFRGS).
- GIROUX, Henry. *Escola crítica e política cultural*. São Paulo: Cortez, 1988.
- MARTÍN-BARBEIRO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. Secretaria do Ensino Fundamental – SEF. *Parâmetros Curriculares Nacionais – Geografia*. Brasília, 1997.
- MORAN, Manuel José. Os meios de comunicação na escola. In: TRUFFI, Y. H. e FRANCO, L. A. C. *Multimeios aplicados à educação: uma leitura crítica*. São Paulo: FTD, 1990.
- NÓVOA, Antônio (Org.). *Profissão-professor*. Porto: Porto Editora, 1991.
- PENTEADO, Heloisa Dupas. *Televisão e escola: conflito e cooperação*. São Paulo: ECA/USP, 1996.

PERROTTI, E. A cultura das ruas. In: PACHECO, E. D. (Org.) *Comunicação, educação e arte na cultura infanto-juvenil*. São Paulo: Loyola, 1991.

PUCCI, Bruno (Org.). *Teoria crítica e educação: a questão da formação cultural na escola de Frankfurt*. Petrópolis: Vozes, 1994.

ROCCO, Maria T. Fraga de. *Linguagem autoritária: televisão e persuasão*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____. Que pode a escola diante do fascínio da TV. In: TRUFFI, Y. H.; FRANCO, L. A. C. *Multimeios aplicados à educação – uma leitura crítica*. São Paulo: FTD, 1990.

SANTOS, Milton. *Técnica, espaço e tempo – globalização e meio técnico-científico informacional*. São Paulo: Hucitec, 1994.

SOJA, Edward. W. *Geografias pós-modernas: a redefinição do espaço na teoria social crítica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

SOUZA, Mauro Wilton de (Org.). *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

THERRIEN, Jacques. O saber social da prática docente. *Educação e sociedade*, Campinas: Papius, ano 14, p. 408-418, 1993.

VESENTINI, José William. O ensino de Geografia no século XXI. *Caderno prudentino de Geografia*, Presidente Prudente, AGB, n. 17, p. 5-19, 1995.

